

na centenária do seu NASCIMENTO (1988)

O que leva uma
José Mendes ssoa a querer ser
ssoa? O que há
de fascinante
nesta figura

austera e apagada contradizendo
a ânsia de uma obra feita
de provocação? Dividido entre
a entrega dedicada ao estudo
e a caricata banalização
do fetiche, Pessoa vive na morte
o seu maior
desafio **visões**

O fetiche e o oculto

ENTRE os esotéricos praticantes que denunciavam todos os estudos já publicados sobre Fernando Pessoa como «meramente parcelares» e empresas privadas que fazem da imagem do poeta um utensílio publicitário para lançar café de máquina, entre a roupa escura e os redondos óculos «à Pessoa» e as «performances» em que alguém se mascara de Fernando e sai à rua, o autor de *Mensagem* vive na passagem deste centenário a sua mais renhida disputa: que entre o aprofundamento do estudo da obra e a caricata banalização comercial não seja encontrado o ponto de equilíbrio.

Mas o que há de invejável em Pessoa? O que leva uma pessoa a querer ser Pessoa? Para Yvette Centeno, uma das mais prolíferas estudosas da obra do poeta, a verdadeira questão consiste em deslindar não o que é invejável mas o que é fascinante nele: «Podemos sentir-nos fascinados pela obra do autor ou pela sua vida sem necessariamente a invejar. Pode parecer arrogante, mas não sinto necessidade de ser Fernando Pessoa. Não sinto inveja do que ele foi mas sinto-me fascinada e tenho uma admiração infinita pela sua obra».

É a aparente contradição entre uma vida austera, de grande simplicidade, de modéstia e apagamento e uma ânsia de uma obra que é toda feita de provocação que, segundo Centeno, assinala o pomo da curiosidade dos seus leitores por Fernando Pessoa enquanto personagem: «A juventude de hoje sente-se atraída por Pessoa mas não é pela personagem, não é pelo poeta enquanto homem (que foi apagado, discreto e modesto no seu quotidiano, na sua simplicidade de vida) mas será certamente pela riqueza genial da sua obra. Esse fascínio vem do facto de ela ter sido de uma modernidade tal, no momento em que surgiu como ainda hoje, que sempre que precisamos de a relembrar, descobrimos aí uma constante fonte de inspiração que não se desactualiza, e essa é a marca dos grandes génios. Só os grandes génios é que não se desactualizam».

EXPRESSO REVISTA
4/6/1988



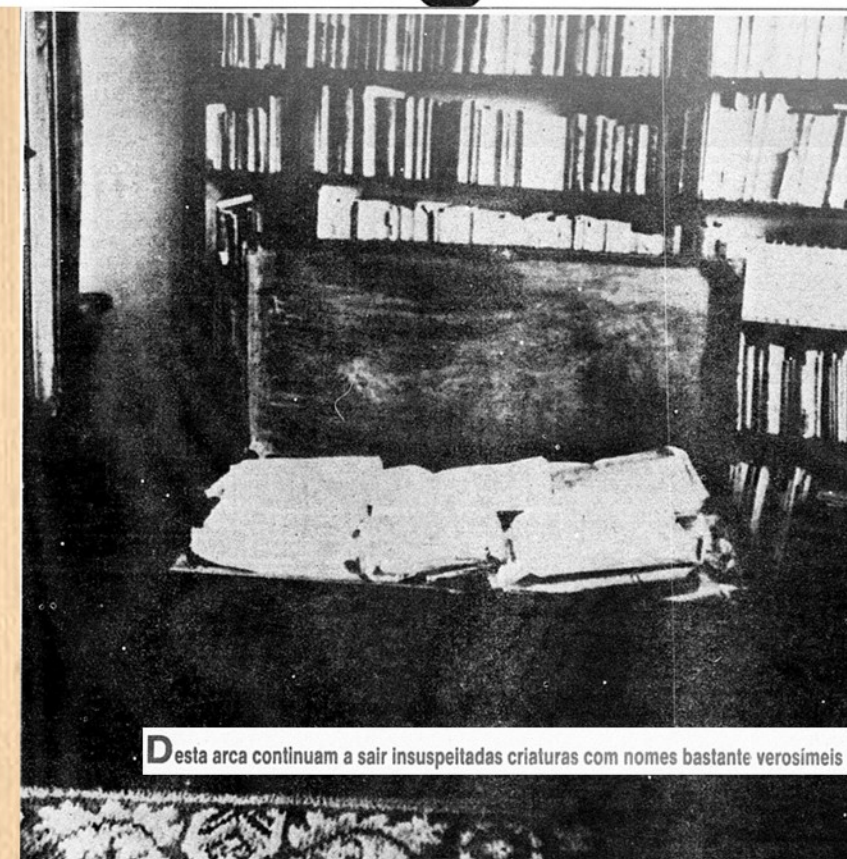
A inclinação para a verdade

«Ele começou, diz-nos Teixeira da Mota, por uma curiosidade muito precoce e aos dez anos já se interessava pelo estranho e pelo misterioso, como o demonstram poesias dessa altura. O aspecto religioso também o motivava e pude consultar a sua biblioteca onde encontrei livros de novecentas e mais páginas anotados em nome de Alexander Search, incidindo sobre aspectos do cristianismo e do protestantismo. É possível compreender pelos papéis que deixou que resolveu adquirir um conhecimento aprofundado de uma visão mais forte da religião e ler um ou dois livros sobre questões mágicas, por exemplo, os rosacruzes e o Egipto».

Os tesouros da arca inesgotável

António Guerreiro

Espólio:
decifrar
é o
problema
maior



Desta arca continuam a sair insuspeitadas criaturas com nomes bastante verosímeis

espólio

Agora que os 27 543 originais de Pessoa já não estão no lugar original e fazem parte da área de espólios da Biblioteca Nacional, a «arca» é já só a metáfora onde toda a mitologia pessoana se reconhece: uma herança inesgotável que preenche cabalmente todo o tipo de representações

NO PRINCÍPIO, a «arca» era ainda uma metonímia: assim se designava o enorme conjunto de originais de Pessoa pelo continente que os incluía. Na verdade, o nomadismo domiciliário do poeta tinha-o obrigado a servir-se de uma arca para transportar a multidão de manuscritos e papéis vários que tinha juntado laboriosamente ao longo da vida. Um tal zelo na acumulação e acondicionamento dos materiais inéditos não é de estranhar em quem tinha feito deles a motivação única da sua vida. Foi precisamente essa arca (ou melhor, essas arcas, já que existe uma outra mais pequena), juntamente com a biblioteca e os objectos pessoais, que, pela sua morte, ficaram em casa de sua irmã, D. Henriqueta, na Av. da República.

Os primeiros «salteadores» conhecidos desta arca foram Gaspar Simões e Luís de Montalvor que começaram a publicar em 1942 aquilo que do longo acervo de inéditos eles consideraram ser a obra acabada: a poesia de F.P. órtónimo e a dos seus três heterónimos, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Alberto Caeiro. Gaspar Simões, como se sabe, mostrou sempre muita relutância quanto à revelação da obra inacabada de F. Pessoa e daquilo que ele considerava ser de menor qualidade.

EXPRESSO REVISTA
4/6/1988

De certo modo, perceber a caligrafia é também compreender os mecanismos mentais e de escrita de Fernando Pessoa, é aceder a um corpo ausente. Por isso, este trabalho acabará sempre por promover um certo fetichismo. Não era Barthes quem dizia que a caligrafia é o lugar de coincidência absoluta entre o corpo e a escrita?